

## O Ódio

Junto à amurada engoiava-se uma gaiola de paus, onde, como um pêndulo, sombras de velas e cordagens iam e vinham vagorosamente ao bel-prazer da flutuação.

Rondava dentro da jaula um gato maior que um cachorro grande.

Perto, quando clareava, reluzia o olhar de um negro, acorado no sopé do mastro, com as mãos cruzadas abarcando os joelhos.

Via-se bem o animal preso, movendo-se com pés de seda e garbo de mulher.

Passeava desdenhosamente. Amarelo fulvo, lindamente mouriscado com patacos pretos, como não há veludo. Quando alguém aproximava-se, a fera largava uma roncaria por entre presas, e dava botes nos paus, explosindo bufidos espantosos.

O comandante muitas vezes desanuviava a sua cerveja fazendo-se espectador da eterna aversão e tolhido orgulho do bicho feroz, de cujo cativo abusavam; faziam-se trejeitos, cotucavam com um bastão, davam-lhe um pau a morder, de modos que o animal parecia chorar de raiva.

O piloto, muito chalação, desandava-lhe descomposturas:

— Anda lá marafona! Pensavas qu'isto qu'era a fumaça? Olhe que ela pega-o, comandante!

E daí, amabilizava com uns nomes feios — filha desta, filha daquela, como se fosse entre duas pessoas:

— Eu não lhe tenho medo, porque lá arrebentar esse nicho é o que ela não pilha.

Nessa noite, o negro notou um lume que boiava no escuro do oceano, como um pirilampo; e o seu pensamento, que por uma certa simpatia de gênios e de condição costumava ater-se à onça presa, apegava-se agora a esse nonada fosforescente.

Muito depois, o foguinho crescia, e o negro foi obrigado a sair de ao pé do mastro, por via das manobras de bordo. O diabo do lume tinha coisa: o navio evitava-o como se estivesse cheio de pólvora e essa tocha distante fosse uma faísca a persegui-lo perversamente.

O negro, sentindo que havia um perigo qualquer, voltou de novo o pensamento para o tigre.

Antegustava uma satisfação feroz, prevendo um belo horror de destruições. Apertavam as vozes de comando, e o mestre enfurecia — quisera ter os punhos do mundo inteiro para torcer o rumo do vento! Era uma vela meter-se onde eles queriam, e bambeava com os paroxismos de um sossobrante. Havia um demo no espaço negro a embirrar com o barco.

O comandante e oficiais ainda estavam bêbedos da orgia que tiveram ao sair do porto.

O escravo, supersticioso, jurava entre si que o lume que se aproximava era o espírito maligno, em feitio de macaco, às cabriolas de onda em onda, com uma brasa na boca. Ele via até os ziguezagues na trajetória do farol movediço.

Assombrado pela incerteza do perigo, ele desceu, e voltou com um machado. No pescoço conservava o seu amuleto. Estava armado para o desconhecido. Fazia muito frio. Começou a espalhar-se um medo, insinuativo no meio da treva, e mais tarde o pavor.

De repente a luzinha estava mesmo em cima deles, emaranhada no porte alevantado de um pacote a vapor.

Um estremeção prolongado, como um desabamento, saiu do navio todo, que rangiu nas ínfimas veiaduras do cavername.

O pessoal ficou um instante bestializado. E, depois, como um bando turvo de vampiros no seu voar frouxo e mortuário, saía de todos os poros a idéia da morte. O vapor, cujo era o farol fatídico, havia metido a pique o barco, e talvez tivesse também sossobrado, matando-se ambos sem reconhecer-se, arrastados pelo demônio das colisões marítimas, um daqueles que ao cair do céu ficaram nos ares prestando ao gênero humano o relevante serviço de fazer-lhe o mal.

O negro levou as mãos à cabeça. Sob a noite estrelada, ele via os borbulhões<sup>(5)</sup> do horrendo por toda parte. Escaleres ao mar, salva-vidas, aconchego e desespero dos que se amam, considerações para com os delicados, heroísmo dos fortes, num rápido.

Dele não se lembravam. A noite de sua pele casava com a do espaço entremeadas pela de sua vida. Sua alma hostil armara-o de machado, porque ele, desde menino, ouvia falar em lutas de corso e de piratas. Isto sim, lhe seria um triunfo. Entanto, restava-lhe boiar, e ainda se fosse possível. Não podia prestar serviços, porque ninguém se entendia, assim nas goelas da morte.

E achava-se de braços cruzados, sobre o abismo, ele, o forte, o valentão, o calmo, o herói, o hércules. No véu das sombras viu bruxulear os olhos do tigre. Ah! e a fera não teria direito ao salvamento? A desordem a bordo era insuperável. Um salve-se-quem-puder! E o possante bruto humano ergueu o machado e descarregou um golpe sobre a jaula. Ébrio de sua majestade, arriou novo golpe, e repetiu. A fera recuara para o fundo, e, quando viu o rombo que a desagrilhoava, atirou-se... ávida por beber sangue e doida de fome. Rolaram no convés a onça atracada com o escravo.

O navio empinava para a profundez. Na voragem, a fera remontou à gaiola, que flutuava nas águas, enquanto o cadáver do escravo descia no abismo, talvez com a íntima satisfação de ter libertado uma fera, entre eles perdurando uma certa simpatia de gênios e de condição.

Era ele quem tratava do tigre. Amava-lhe o rancor eterno. Achava-o formoso, tão dourado, tão liso, tão forte! Comprazia-se em matar-lhe a sede e a fome. Amava-o porque o bicho indicava ser insensível ao amor. E foi um grande prazer desaparecer da vida deixando em seu lugar um bruto que era uma concretização do ódio, humor necessário à vida social, como o fel à vida individual!

(*A Quinzena*, Ano I, n.º 10, 31 de maio de 1887.)